

Clima dos negócios revitaliza a economia

Rinaldo Campos Soares *

A experiência na condução dos negócios de uma empresa de base, fornecedora de insumos para diferentes setores das indústrias de transformação e de construção, tem fortalecido ao longo dos anos minha convicção de que o "clima dos negócios" é um dos mais importantes fatores da vitalidade econômica como um todo. Visões do futuro, decisões estratégicas, diretrizes e orçamentos operacionais são fortemente influenciados pela "atmosfera" externa aos conselhos de administração e às diretorias executivas das empresas. E creio que essa influência será crescente daqui para a frente, à medida que ingressamos de fato na sociedade da informação globalizada.

Para o Brasil, quanto a esse aspecto, os dois anos mais difíceis da década de 90 foram certamente os dois últimos, 1998 e 1999. O "clima dos negócios" foi negativamente afetado e um bom número de empresas viveu a atmosfera de postergação dos investimentos. Outras, porém, enxergaram mais longe e investiram na retomada do crescimento, estrategicamente justificada por dois importantes elementos: 1) a firmeza com que as autoridades econômicas se conduziram nos momentos mais agudos dos "efeitos contágio" e da drástica mudança do regime cambial; e 2) a atratividade



do Brasil, comparativamente à de outras economias emergentes.

Combinados, esses dois elementos produziram uma nova ambientação para o desenvolvimento dos negócios desde o último trimestre de 1999, mas especialmente na chegada de 2000. Apesar de a atenção de todos estar também voltada para os possíveis desdobramentos de um ajuste global na precificação das ações, em particular das empresas da chamada nova economia, vivemos agora a reversão do clima desastroso do último biênio. A percepção generalizada é de que o Brasil absorveu bem os choques externos que

atormentaram as economias emergentes. Mais que isso, a mudança do regime cambial, que parecia desastrosa, evidenciou-se pouco a pouco mais benéfica do que negativa, à medida que o realismo cambial definido pelo mercado impactou positivamente as cadeias produtivas no País, levando à rápida renacionalização dos suprimentos, além de reduzir o déficit em transações correntes do balanço de pagamentos. Tudo isso não é um simples milagre.

A rapidez dos ajustes no Brasil e a rápida reversão do "clima dos negócios" têm fundamentos sólidos. Eles se encontram tanto na evolução da economia nos anos 90 quanto nas condições atuais e ainda nas perspectivas econômicas do País. Vamos ver cada um desses três fun-

damentos. Primeiro: a evolução. O Brasil dos anos 90 não foi nada parecido com o Brasil das décadas anteriores. A orientação estratégica da economia mudou. A nova equação trocou a estatização pela privatização; o protecionismo pela abertura; e o regulamentarismo pela desregulamentação dos mercados. E, além disso, operamos reformas institucionais de cunho liberalizante.

Segundo: as condições atuais. Os resultados da reorientação estratégica e da nova gestão macroeconômica são conhecidos de todos. Mas não é demais listar os principais. A economia opera com uma inflação mensal de ordem decimal e foram episódicos e superados os momentos em que a taxa mensal registrou variação acima de 1%. O crescimento da década, embora achatado, foi positivo, da ordem de 2,2% ao ano. A produtividade industrial avançou 66%, após ter ficado estagnada nas duas décadas anteriores. A credibilidade externa foi

recuperada. Em consequência, o fluxo de investimentos estrangeiros diretos em atividades produtivas alcançou patamares históricos. A média histórica desses investimentos era próxima de US\$ 1 bilhão anual, valor que hoje o Brasil atrai a cada 12 dias. E as empresas nacionais investiram pesado em modernização e expansão.

Terceiro: as perspectivas. Com o

balanço internacional de pagamen- tos financiado por aumento gradativo do saldo comercial e pela continuidade da atração de capitais para investimentos diretos produtivos, removemos a restrição externa e deixamos de ser reféns de capitais especulativos. O Brasil é hoje o segundo entre os países emergentes em atração de fluxos de investimentos produtivos. Essa atratividade é decorrente da orientação estratégica interna e da gestão macroeconômica, fundamentando-se ainda nas dimensões da economia: apesar do recuo do PIB em dólares, estamos entre as 12 maiores economias do mundo. E o que é mais importante: com muito ainda por fazer. A potencialidade interna admite projeções de crescimento entre 4% e 5% anuais, o que significa uma expansão anual de mercados de US\$ 30 bilhões.

Esses três grupos de fundamentos mostram que a reversão do "clima de negócios" não é obra do acaso, muito menos de euforia incons- quente. Mas pelo menos quatro condições importantes são exigidas para que a reversão se consolide e tenhamos de fato um novo e auto-sustentado

ciclo de expansão econômica: 1) a continuidade da orientação estratégica, centrada no binômio privatização e inserção global; 2) foco em diretrizes que ampliem a competitividade do País; 3) contínua expansão da base de mercado pela redução dos preços reais dos bens finais, pela



expansão da massa real de rendimentos ou pela combinação dos dois fatores; e 4) garantia de suprimentos infra-estruturais a custos competitivos para que não se estrangule a capacidade efetiva de crescimento.

O quarto ponto citado diz respeito, diretamente, ao setor siderúrgico, como a outras indústrias de base. E esse setor está se preparando desde 1994 para esse novo ciclo. Foram planejados US\$ 13 bilhões de investimentos em expansão, modernização e atualização tecnológica, dos quais US\$ 9,2 bilhões haviam sido aplicados até o final de 1999. Para o triênio em curso, 2000-02, estão projetados investimentos de US\$ 3,5 bilhões, que ampliarão a capacidade de oferta em relação à demanda interna e ainda sustentarão saldos exportáveis nos principais segmentos, segundo perspectivas estendidas até o ano 2010.

Esse esforço de investimentos em um setor que fundamenta suas decisões em visões de longo prazo não

* Presidente da Usiminas.